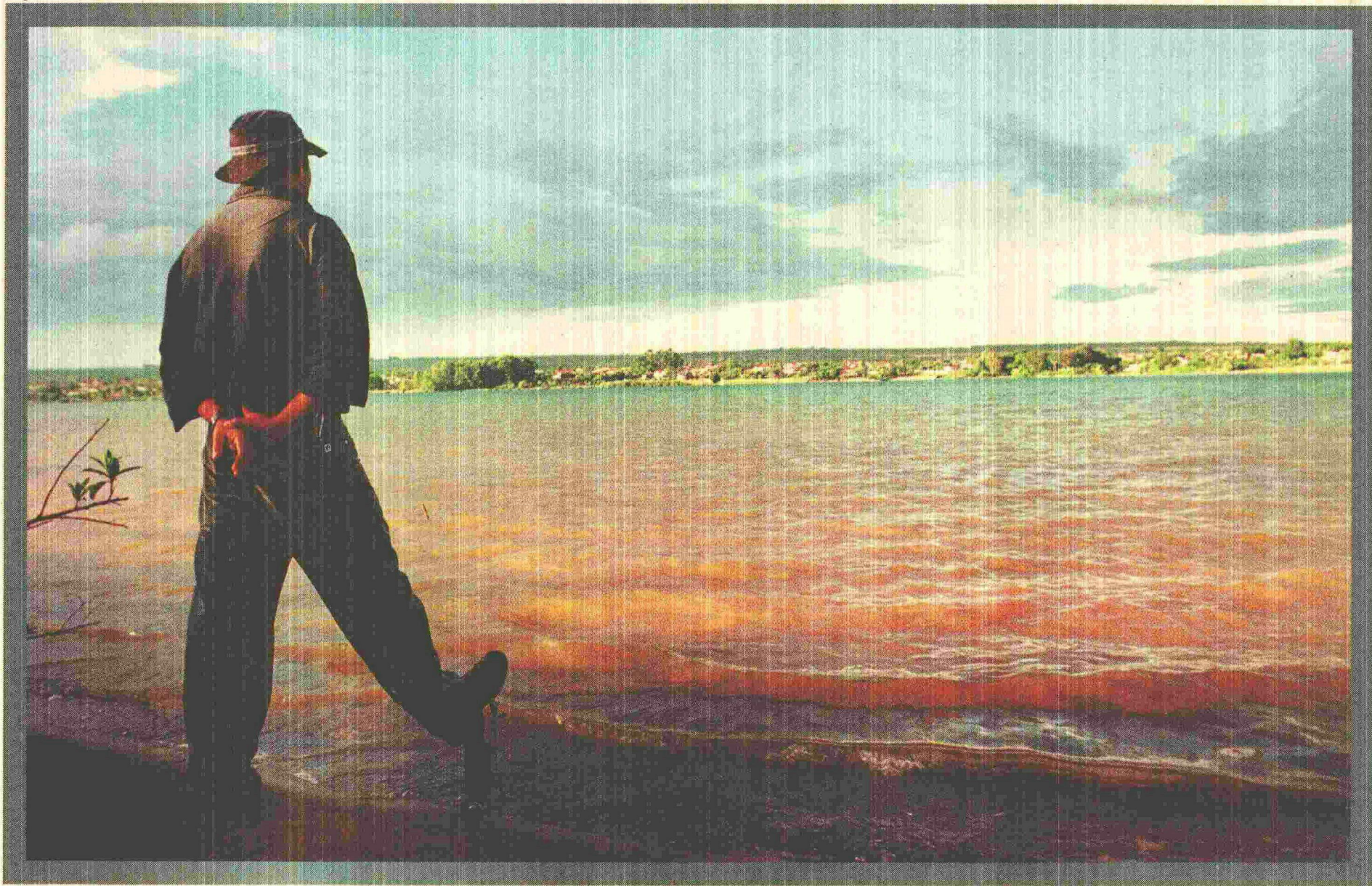


ÁGUAS ENCONTRADAS

POR MILTON HATOUM

Sérgio Amaral



Para Heloisa Doyle e Armando Rollemberg
À memória de Francisco dos Anjos e Wilson Aguiar

Brasília foi o primeiro pouso de uma rota nômade e errante: a primeira das seis cidades onde morei, desde que saí de Manaus, em dezembro de 1967.

Não foi uma escolha aleatória. Em Manaus, ouvíamos rumores sobre a capital federal, essa promessa de utopia, que vinha do governo Juscelino e fora interrompido bruscamente pelo toque militar de recolher. O urbanismo e a arquitetura exerceram um fascínio na minha geração; mais do que isso, a fama e o prestígio da UnB e do CIEM foram decisivos. O colégio de aplicação era mais do que um sonho no mormaço amazônico.

À semelhança de Frédéric e Deslauriers, os dois jovens sonhadores e ambiciosos do romance de Flaubert, eu e alguns amigos também quisemos romper os limites estreitos da vida provinciana, com seu ambiente cultural tosco e acanhado. O que me moveu foi o desejo de morar na metrópole mais próxima de Manaus. E Brasília significava esse esboço de metrópole, a ponte que uniria a Amazônia ao Brasil.

No fundo, deixar minha cidade foi uma ruptura, um dilaceramento e um dos grandes traumas da minha vida. Nem de longe é comparável à aflição de milhões de brasileiros pobres e miseráveis obrigados a abandonar sua terra natal para tentar sobreviver em regiões industrializadas. Deixar espontaneamente a nossa cidade, sem a pressão da contingência econômica, é um privilégio e tanto. Fui um desses privilegiados, mas isso não anula o sentimento de perda e abandono do que fica para trás, no tempo e espaço.

Manaus foi uma festa de arromba da minha infância e parte da juventude. Eu mantinha uma relação muito estreita com a minha família e com meus amigos; gostava do colégio estadual do Amazonas, antigo Pedro II, onde li alguns grandes livros de literatura brasileira e convivi com colegas pobres e remediados, um microcosmo que espelhava o ensino público eficiente e relativamente democrático daquela época; e, como inúmeros curumins manauaras, me esbaldei nas brigas de rua, nos jogos de futebol em terrenos baldios, nos mergulhos nos igarapés (hoje poluídos) de Manaus. Desde cedo freqüentei clubes noturnos, e durante uns três anos fui *crooner* de um conjunto, The Stepping Stones, que tocava quase tudo: rock, música caribenha e brasileira, os Beatles. Cantava nos clubes da cidade, e tornava a cantar nas ruas mal iluminadas, em noites de serestas que terminavam no Mercado Municipal ou no bar do Sujo, na praça da Saudade.

Em 1964, quando um dos meus tios foi demitido, detido e levado algemado a Brasília, o nome da capital foi logo associado a esse drama familiar. Percebi vagamente a guinada política do país e suas conseqüências nefastas; a leitura de alguns livros e a participação num jornal estudantil, *O Elemento 106*, em Manaus, aguçaram um pouco minha visão crítica. O título desse jornal tem uma historinha curiosa. Naquele ano, 1967, havia 105 elementos químicos na natureza, por isso decidimos criar o *Elemento 106*. Como se vê, era um título modesto, mas a pretensão, a irreverência e o arroubo também são armas da juventude. Penso ter publicado algum artigo nesse jornal, dirigido por Aurelio Michiles e Enéas Valle.

Em dezembro de 1968, eu e esses dois amigos fomos morar em Brasília, onde dividimos um quarto numa casa da W/3 Sul. Eles ingressaram no Elefante Branco, eu prestei concurso e fui aprovado no CIEM. Um ano depois, mudei para um apartamento da Asa Norte, Quadra 406, em frente ao campus da UnB.

Minha primeira impressão de Brasília foi de euforia, depois estranhamento e, por enfim, desnorтеio. Fiquei desnorтеado, literalmente, como se o Norte tivesse sido arrancado de mim. Um amazonense leva no olhar e na alma a vastidão da planície, o horizonte de água e floresta. No centro desse mundo, Manaus e suas tribos, com sua vida de vizinhança protegida pelo aconchego de ruas e praças conhecidas desde sempre. Lembro-me das caminhadas solitárias por uma trilha do campus que conduzia ao Lago Norte. Eu ficava ali, sentado, lendo e contemplando as águas do Paranoá, numa atitude meio romântica, desejando ver no lago o reflexo distante do rio Negro e da floresta.

O paraíso da infância e juventude se esfumara. De repente, me vi sozinho numa outra imensidão, a do cerrado, e senti o peso angustiante da solidão. Como notou Octavio Paz, o sentimento da separação, que é universal, surge no momento do nosso nascimento. Desde o começo, somos anjos tortos e decaídos, mas a consciência dessa separação é decisiva para cada ser humano. Em algum momento percebemos que o

paraíso da infância foi perdido para sempre. O lugar mais recôndito desse paraíso perdido é a memória. E o que resta, ou seja, quase tudo, será o purgatório do dia-a-dia, no lugar e na época em que vivemos.

Em Brasília comecei a pensar no passado ainda recente, sem saber que na minha memória giravam os temas e problemas que, duas décadas depois, iriam dar corpo ao meu trabalho ficcional.

O espaço da cidade, grandioso e monumental, com seus eixos, asas e superquadras, foi um desafio. Onde estava o centro histórico de Brasília? Na cidade do futuro ou da utopia, eu só encontrava sinais do passado na memória. No entanto, a História política do país estava ali, latejando na praça dos Três Poderes, por onde eu passava todos os dias a caminho do CIEM. Este colégio, que hoje é um ambulatório, foi a extensão do meu quarto. Para os que vinham de fora e de muito longe, o CIEM foi um laboratório de ciências e artes. Dessa estufa nasceu um pouco de tudo: das horrendas ervas daninhas (coloridas e venenosas) aos jequitibás do cerrado, que depois cresceram e se espalharam por todo o Brasil. Eu tentava compensar a brutalidade da vida política com o aprendizado, as leituras na biblioteca da UnB, as conversas com professores, as discussões intermináveis no bar Beirute. A militância estudantil e a consciência política, que eram tênues em Manaus, foram acirradas em Brasília. No entanto, nunca ingressei em partido ou movimento político. Por pura intuição, pensava (e ainda penso) que a atividade política podia ser exercida sem peias de comando ou estrutura burocrático-partidária. Participava de pichações, panfletagens, passeatas, como um solitário, meio patético e totalmente *gauche*, que procurava expressar sua revolta contra a opressão. Naquela época e cidade, penso que muitos se sentiram como Stephen Dedalus, a personagem do *Retrato de um artista quando jovem*: “sentia raiva da mudança da sorte que estava transformando o mundo ao seu redor numa visão de sujeira e de insinceridade”.

O clima político, pesado e sufocante, derrotou muita gente. Alguns amigos e conhecidos partiram de Brasília nos anos 70; outros, ainda jovens, partiram para sempre. A imagem de tanques e veículos militares invadindo o campus ainda é recorrente. O refúgio era o CIEM: suas oficinas de arte e literatura, a leitura de bons livros, orientada por ótimos professores, os debates intelectuais em sala de aula. Nem tudo era repressão e delação naquela época de perspectivas estreitas. Inventávamos linhas de fugas, viagens ao Poço Azul e a cachoeiras distantes, onde mergulhávamos nos paraísos naturais, e também nos artificiais: paraísos tão baudelairianos nos domingos brasilienses. E, é claro, sob o céu do planalto no coração do Brasil, a leitura dos versos de Drummond buscavam outro coração, o verdadeiro: “A tarde talvez fosse azul, / não houvesse tantos desejos”.

Em dezembro de 1969 fui embora de Brasília, desejando nunca mais voltar. Dois anos haviam passado entre a euforia e o desnorтеio da chegada e a amargura da partida. Foi um tempo talvez breve para um jovem de 17 anos, mas longo e decisivo para a experiência de uma vida. Em apenas dois anos, amadureci uns dez. Agora, ao visitar Brasília trinta anos depois, não sinto nostalgia nem amargura. A mudança histórica, da qual fazemos parte como indivíduos, dá novas perspectivas a tudo. Brasília está muito mais perto da realidade brasileira; as cidades-satélites já não giram em torno de um astro maior. A periferia próxima e distante da capital não difere da triste e miserável periferia de qualquer metrópole brasileira. São Sebastião e Samambaia existem por toda parte, e são nossa desesperança, nosso desencanto e desalento: o Brasil que teima em fracassar. O impasse permanece. O salto para a modernidade e cidadania, sempre adiado pela desfaçatez de certos Poderes e poderosos, ainda se encontra no horizonte da utopia.

A paisagem árida, pouco povoada, coberta de grama e barro também se esfumou. O verde não é mais o da violência e do pavor, mas o de uma natureza mesclada, nativa e exótica, que dá prazer aos olhos e ao corpo. Uma espécie de mata híbrida cresceu em muitos lugares, e um pouco da floresta tropical veio dar graça ao cerrado. Agora percebo que Brasília está mais adensada e caótica, muito mais viva, o que torna mais humana uma cidade projetada por demiurgos.

Essa impressão talvez espelhe um sentimento mais profundo. É que agora, ao contrário daquela época, circulo sem medo pela cidade. Nunca somos totalmente livres, mas um sopro de liberdade engrandece e anima qualquer pessoa, em qualquer cidade e país.